

# A abordagem de sexualidade e gênero na disciplina de ciências no currículo de São Paulo: análise dos cadernos do professor e aluno

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar as concepções de sexualidade e de Educação em Sexualidade presentes no material do Currículo de São Paulo para o ensino de Ciências para o 8º ano, a partir da análise das orientações aos professores/professoras, das estratégias e dos conteúdos propostos. Trata-se de uma pesquisa documental cujo objeto de análise foi o volume 1 dos Cadernos do Professor e do Aluno de Ciências da 7ª série/8ºano do Ensino Fundamental. Para tal, utilizamos como referencial de análise as dimensões da sexualidade; identificamos se e como o material em estudo aborda as questões de gênero e discutimos limites e possibilidades da proposta, dentro de uma perspectiva emancipatória de Educação em Sexualidade. A análise evidenciou o predomínio da dimensão biológica nas situações de aprendizagem selecionadas, o que está de acordo com o esperado para um currículo de Ciências. No entanto, em diversos trechos, existem orientações para professores e atividades que abordam aspectos socioculturais e/ou psicológicos da sexualidade. A situação de aprendizagem sobre sexo seguro foi a que apresentou a maior quantidade de trechos que abordam aspectos socioculturais e psicológicos, ao evidenciar componentes individuais da vulnerabilidade. Por outro lado, a situação de aprendizagem que trata de gravidez na adolescência privilegia o aspecto informativo, deixando de lado os fatores psicológicos e socioculturais fundamentais para o fomento à reflexão. Observamos, também, que a abordagem de sexualidade é mais ampla nas orientações às(aos) docentes do que no material das(os) alunas(os). Mesmo com as limitações dos materiais estudados, é possível a prática de uma Educação em Sexualidade emancipatória, que fomente a criação de espaços de fala, de escuta e reflexão nas aulas, superando o aspecto informativo já há muito criticado. Para que isso ocorra, as formações inicial e continuada precisam sensibilizar docentes para a complexidade do tema e prepará-las(os) para a tarefa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação em Sexualidade. Gênero. Ciências. Currículo de São Paulo.

**Gabrielly Nunes de Paula**  
[gabriellydepaula3@gmail.com](mailto:gabriellydepaula3@gmail.com)  
[orcid.org/0000-0003-4293-8673](https://orcid.org/0000-0003-4293-8673)  
Universidade Federal do ABC (UFABC),  
São Bernardo do Campo, São Paulo,  
Brasil

**Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda**  
[meiri.miranda@ufabc.edu.br](mailto:meiri.miranda@ufabc.edu.br)  
[orcid.org/0000-0002-0210-3818](https://orcid.org/0000-0002-0210-3818)  
Universidade Federal do ABC (UFABC),  
Santo André, São Paulo, Brasil

## INTRODUÇÃO

Sexualidade é um conceito muito amplo. Entretanto, quando trabalhamos com Educação em Sexualidade, comumente, nos deparamos com propostas que restringem o tema aos aspectos biológicos ligados à reprodução ou apenas ao ato sexual. Quando isto é feito, são excluídas da discussão, entre outras, as questões sociais do tema, bem como o respeito necessário ao tratar da pluralidade de formas de viver a sexualidade.

Conforme ressaltado por Figueiró (2006a, p. 42), a sexualidade é significada culturalmente, em um “processo histórico e dialético” e inclui:

[...] o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. (Figueiró, 2006b, p. 2)

Para Bruess e Schroeder (2014), reconhecer que a sexualidade é uma parte importante da personalidade e da vida das pessoas, com reflexos em sua saúde e bem-estar, reforça a necessidade de implementação de programas de Educação em Sexualidade nas escolas.

Neste trabalho, compreendemos a Educação em Sexualidade como uma ação educativa de caráter formativo e informativo e que proporciona espaços de discussão e reflexão sobre “valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 3).

E dentre as diversas abordagens de Educação em Sexualidade, adotamos a abordagem emancipatória, como proposta por Goldberg (1988) e redefinida por Figueiró (2006a) como a ação que compreende a importância de uma prática que leve à vivência saudável e positiva da sexualidade por parte de um cidadão crítico e capacitado para se posicionar em relação às questões contemporâneas que envolvam o tema.

Para estas autoras, a Educação em Sexualidade só pode ser considerada, de fato, emancipatória quando inclui o debate sobre gênero, na concepção de

[...] modo como a masculinidade e a feminilidade são vividas, considerando-se que ambas são mutáveis ao longo da história, mutação essa que se dá socioculturalmente, ou seja, na própria interação homens/mulheres, variando de cultura para cultura. (FIGUEIRÓ, 2010, p. 129)

Gênero, então, como demonstra Louro (2007), apesar de possuir diferentes concepções, pode ser visto como uma construção social que estabelece as características (biológicas, físicas e psicológicas) que são consideradas distintas de homens e mulheres. Quando analisamos gênero, enquanto dependente da cultura de determinada sociedade, é possível também observar a importância da discussão do tema, tendo em vista que, como apontado por Weeks (2000), esta categoria reflete relações de poder, o que têm levado a desigualdades.

Em 1998, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos que incluem entre os temas transversais, - ou seja, que deveriam ser discutidos pelas diferentes áreas do conhecimento no Ensino Fundamental - o tópico Orientação Sexual. O documento também sugere que, além de o assunto ser tratado seguindo a programação pré-estabelecida, a escola e as(os)

professoras(es) devem abordar o tema extraprogramação, sempre que houver oportunidade, necessidade ou dúvidas por parte de estudantes. Além disso, o texto também expressa a necessidade de que as diferenças de crenças e valores que influenciam na sexualidade sejam respeitadas e possam ser expressas, tentando assim, através do diálogo, promover o respeito às divergências (BRASIL, 1998).

Figueiró (2006a) ressalta a contribuição deste documento para a prática de Educação em Sexualidade nas escolas, ao elencar aspectos positivos, como a inserção de discussões teóricas pertinentes, sugestões de práticas para a sala de aula e, em especial, a inclusão de um bloco de conteúdo intitulado “Relações de gênero” que, segundo a autora, potencializa toda a ação educativa ao ampliar as discussões e torná-las mais significativas.

As escolas da rede pública de São Paulo, desde 2008, têm seu trabalho guiado pelo Currículo de São Paulo (SÃO PAULO, 2012), o qual é composto por materiais, como os Cadernos do Aluno e do Professor, distribuídos pelo governo estadual. Esses materiais apresentam sequências didáticas, denominadas Situações de Aprendizagem, contendo atividades e textos para utilização em sala de aula.

Fonseca e Lima (2018, p. 547), ao estudarem a política curricular do Estado de São Paulo, no período de 2007 a 2009, explicam que se trata “(...) do currículo prescrito, o currículo desejado, que, evidentemente, não significa a sua efetivação. Assim, a política curricular é uma carta de intenções.”. Segundo estes autores, a proposta curricular foi desenvolvida de forma “terceirizada” (p. 552), sem a devida participação de professores e gestores em espaços de debate. Ainda nesta pesquisa, o texto conclui apontando que os materiais didáticos constituem o cerne desta política curricular, sofrendo pouquíssimas alterações com o passar dos anos e relegando aos professores o papel de meros executores.

Neste contexto de protagonismo dos materiais componentes do Currículo de São Paulo se insere esta pesquisa, com o objetivo de identificar, a partir da análise das orientações às professoras e professores e das estratégias e conteúdos propostos, as concepções de sexualidade e Educação em Sexualidade presentes no volume 1 dos Cadernos do Professor (SÃO PAULO, 2014a) e do Aluno (SÃO PAULO, 2014b) de Ciências da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental. Para tal, utilizamos como referencial de análise as dimensões de sexualidade definidas por Greenberg, Bruess e Oswalt (2013); identificamos se e como o material em estudo aborda as questões de gênero e discutimos limites e possibilidades apresentados pelo material dentro de uma perspectiva emancipatória de Educação em Sexualidade.

Este artigo retoma, aprofunda e atualiza a discussão iniciada em trabalho anterior de uma das autoras desta pesquisa (MIRANDA, 2011), onde foi apresentado resultados parciais da análise da abordagem da sexualidade no Currículo de São Paulo (SÃO PAULO, 2010) e na primeira versão dos cadernos de Ciências e Biologia (SÃO PAULO, 2008a; 2008b; 2008c). No presente estudo, o enfoque está nos materiais destinados aos 8<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental, momento em que, tradicionalmente, os currículos de Ciências preveem o ensino de temas relacionados à sexualidade humana.

## SEXUALIDADE E SUAS DIMENSÕES

A compreensão da sexualidade, geralmente, ainda é restrita apenas ao ato sexual e à vivência de experiências sexuais. Nos materiais didáticos e nos planos de ensino, frequentemente, há uma abordagem baseada no terror, com a sexualidade e a vida sexual sendo relacionadas ao risco, às doenças e à gravidez não planejada. O prazer, o autocuidado, o respeito ao outro, a autoestima, a privacidade e tantos outros aspectos relacionados ao tema costumam ser ignorados.

Neste trabalho, adotamos sexualidade como “uma parte de nossa personalidade. Ela envolve as relações entre as dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais” (GREENBERG; BRUESS; OSWALT, 2013, p. 4, tradução nossa). As dimensões propostas por estes autores coincidem com a compreensão dos PCN e são apresentadas resumidamente a seguir, porém, é necessário ressaltar que as dimensões estão interligadas, ou seja, se influenciam e, muitas vezes, se sobrepõem.

A dimensão biológica é a mais comumente abordada no currículo escolar, em especial, nas disciplinas de Ciências e Biologia e é muito importante já que é necessário acesso à informação sobre o corpo e saúde sexual para a tomada de decisões de forma crítica e responsável. (GREENBERG; BRUESS; OSWALT, 2013, p 5). Segundo estes autores, essa dimensão inclui fatores como: funcionamento do corpo - entendimento sobre os processos bioquímicos que estão envolvidos na habilidade de reprodução, mudanças na aparência física e desenvolvimento de caracteres sexuais; saúde - formas de vivência da sexualidade de forma segura; resposta a estímulos - como o corpo reage à atração física e a outros estímulos sexuais e aparência física.

Para Greenberg, Bruess e Oswalt (2013), a dimensão psicológica é o aspecto mais claramente relacionado ao que nos é ensinado sobre sexualidade, bem-estar sexual e autoimagem. Inclui fatores como: comportamentos aprendidos-noções de "certo" e "errado" ensinadas pela família ou outras influências; imagem corporal, a autoestima e a maneira como cada um vê seu próprio corpo, que está sempre sob forte influência externa, como os padrões de beleza, relações interpessoais, emoções e experiências. Por fim, os autores ressaltam que a disponibilidade de cada indivíduo para falar e lidar com a sexualidade também depende desses aspectos.

A dimensão sociocultural “[...] é a soma das influências culturais e sociais que afetam nossos pensamentos e ações.” (GREENBERG; BRUESS; OSWALT, 2013, p. 6, tradução nossa) e está relacionada ao fato de que a maneira como a sexualidade é vista e vivida muda de acordo com o contexto sociocultural de cada um. Segundo os autores, inclui os papéis de gênero e as influências religiosa, multicultural, socioeconômica, ética, midiática e política.

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que uma Educação em Sexualidade emancipatória só é possível em um trabalho no qual todas essas dimensões sejam consideradas pois, como apontado por Figueiró (2010) e revisitado por Furlanetto et al. (2018), esta abordagem se baseia em informações cientificamente válidas, contextualização sócio-histórico-cultural e discussão e reflexão sobre aspectos afetivos e psicológicos.

## GÊNERO

Louro (2007) aponta que ainda é comum a percepção de que a diferenciação entre os gêneros se origina nos aspectos biológicos do corpo humano, sendo justificada com base nas características físicas externas. No entanto,

[...] Nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura. [...] não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou fêmea que faz desse sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente. (LOURO, 2008, p.18)

Os estudos de gênero estão estreitamente vinculados aos movimentos sociais que buscam a descentralização do poder, dando protagonismo aos grupos identitários chamados de minorias, que podem ser assim consideradas não necessariamente pelo menor número em população, mas sim pela vulnerabilidade social em que se encontram (LOURO, 2007; SODRÉ, 2005). Para Costa et al. (2010, p. 3):

[...] gênero é um modo de compreender mais claramente as relações existentes entre homens e mulheres e assim diluir preconceitos, já que como categoria de análise nos fornece elementos para questionarmos algumas normas e condutas naturalmente atribuídas ao feminino e ao masculino.

Butler (2000) questiona a própria distinção sexo - biológico e gênero – construção social, contestando a existência de um sexo natural e pré-discursivo, anterior à significação social e cultural. Para a autora, a diferença sexual é parte da regulação de corpos construída pelo discurso, neste contexto: “Toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir [...] os corpos que ela controla” (BUTLER, 2000, p. 153). Assim, a performatividade dessas características atribuídas ao feminino e ao masculino são “uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas.” (p. 167).

A escola é um ambiente onde características de toda a sociedade podem ser observadas, e isso também se aplica às relações de gênero. A divisão entre meninas e meninos, o comportamento e o rendimento escolar esperados de umas e de outros, o conforto de cada um ao falar ou ao praticar esportes, o bullying sofrido por quem possui gostos ou jeitos diferentes do que é considerado “normal”, tudo isso são sinais, às vezes sutis, de como os preconceitos construídos a partir de estereótipos de gênero afetam cada indivíduo.

Atualmente, há resistência e vigilância, por parte de uma parcela da sociedade, à abordagem deste tema nas escolas, por entenderem que contraria visões tradicionais tanto dos papéis de gênero quanto do próprio papel da educação e da escola, compreendido por estes grupos como sendo de reprodução e transmissão de informações, apenas.

Dados recentes apontam que, ainda que em queda, a taxa brasileira de bebês nascidos vivos a cada mil meninas de 15 a 19 anos está acima dos números obtidos para a América Latina e Caribe (OPS; UNFPA & UNICEF, 2018). Neste estudo, fica evidente que a Educação em Sexualidade pode contribuir para

redução destas taxas ao trabalhar saúde sexual, direitos sexuais e reprodutivos, contracepção e papéis sociais esperados em função do gênero.

Outros aspectos que reforçam a necessidade de práticas educativas sob a perspectiva de gênero são as taxas de feminicídio e violência contra mulheres e a população LGBT, em nosso país. Além disso, como já discutido em outros trabalhos (BORGES; MEYER, 2008; JUNQUEIRA, 2012), a escola pode se tornar excludente para pessoas consideradas diferentes ou desviantes, reproduzindo a violência e a homofobia presentes na sociedade, ao reforçar cotidianamente a cis e a heteronormatividade.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa do tipo documental, a qual se caracteriza por “[...] analisar, criticar, rever ou ainda compreender um fenômeno específico ou fazer alguma consideração que seja viável com base na análise de documentos.” (MALHEIROS, 2011, p. 86).

Os documentos de análise que compuseram o corpus deste trabalho foram o volume 1 do Caderno do Professor de Ciências da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental (SÃO PAULO, 2014a) e o respectivo Caderno do Aluno (SÃO PAULO, 2014b), organizados para utilização nas escolas estaduais de São Paulo, no período de 2014 a 2017.

Através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), definimos em um primeiro momento (pré-análise), quais situações de aprendizagem seriam o foco deste estudo. Com base nos objetivos e através da leitura flutuante do material, selecionamos para análise as seis situações de aprendizagem do tema Continuação da Vida, Eixo temático Vida e Ambiente (Quadro 1).

Em um segundo momento, realizamos a exploração do material, que se consistiu em uma leitura criteriosa das situações de aprendizagem selecionadas procurando identificar as dimensões da sexualidade propostas por Greenberg, Bruess e Oswalt (2013). Por fim, foram selecionados nos textos os trechos que apresentavam aspectos das dimensões psicológicas e socioculturais e, em especial, que abordassem questões de gênero, por entendermos que, apenas em um contexto em que estes aspectos são considerados e problematizados, torna-se possível uma Educação em Sexualidade emancipatória.

A partir desta análise, discutimos o potencial da Educação em Sexualidade proposta no Currículo de SP, tendo como referenciais as concepções de Educação em sexualidade, sexualidade e gênero presentes nos PCN (BRASIL, 1998) e também nos textos de Figueiró (2006a, 2010), Greenberg, Bruess e Oswalt (2013) e Louro (2007, 2008).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na 7ªsérie/8ºano do Ensino Fundamental, no caderno da disciplina de Ciências, volume 1 (SÃO PAULO, 2014a, 2014b), Eixo temático Vida e Ambiente, são previstas seis situações de aprendizagem para abordar o tema Continuação da Vida, perpassando assuntos tradicionais desta etapa da escolaridade, como anatomia dos sistemas genitais, puberdade e adolescência, contracepção e AIDS.

O Quadro 1 apresenta um resumo destas propostas, as quais serão analisadas a seguir.

Quadro 1 - Planejamento das Situações de aprendizagem (SA) do Eixo temático Vida e Ambiente proposto no Caderno do Professor de Ciências da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental (SÃO PAULO, 2014a)

SA	Conteúdos propostos	Competências e habilidades a serem desenvolvidas
7	Reprodução sexuada e assexuada: desenvolvimento dos seres vivos.	Identificar as principais diferenças entre a reprodução sexuada e assexuada; reconhecer a principal diferença entre os tipos de fertilização, identificando as circunstâncias em que cada tipo ocorre preferencialmente. (p. 40)
8	Anatomia interna e externa dos órgãos reprodutores masculino e feminino.	Reconhecer e nomear, em ilustrações e modelos anatômicos, as partes dos sistemas genitais feminino e masculino; identificar e explicar as funções dos órgãos principais. (p. 47)
9	Mudanças físicas, emocionais e hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual dos seres humanos.	Reconhecer as principais mudanças corporais que ocorrem em ambos os sexos da espécie humana durante a puberdade. (p. 51)
10	Mudanças físicas, emocionais e hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual dos seres humanos; ciclo menstrual.	Identificar e explicar os efeitos dos principais hormônios sexuais; identificar os principais fenômenos que ocorrem no ciclo menstrual correlacionando-os com os hormônios envolvidos. (p. 57)
11	Métodos contraceptivos e de proteção contra infecções sexualmente transmissíveis (IST).	Conhecer a maneira de usar o preservativo; identificar hábitos que aumentam a vulnerabilidade a AIDS e IST. (p. 61)
12	Métodos contraceptivos.	Reconhecer vantagens e desvantagens dos diferentes métodos contraceptivos; identificar e explicar meios de prevenção da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e das IST. (p. 69)

Fonte: Adaptado de São Paulo (2014a).

Nos materiais analisados, conforme esperado de um material curricular de Ciências, a dimensão biológica da sexualidade predominou. Porém, encontramos alguns trechos que evidenciam a intenção de abordar a sexualidade de forma mais ampla, envolvendo as demais dimensões propostas por Greenberg, Bruess e Oswalt (2013). Nos Quadros 2 e 3 e nos próximos itens, apresentamos alguns destes trechos que foram selecionados dos Cadernos do Professor (SÃO PAULO, 2014a) e do Aluno (SÃO PAULO, 2014b), respectivamente. Os excertos foram enumerados para fins de organização dos quadros e dos itens a seguir.

Quadro 2- Trechos selecionados das Situações de aprendizagem (SA) do Eixo temático Vida e Ambiente do Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014a) que abordam as dimensões sociocultural e/ou psicológica da sexualidade

SA	Trecho	Dimensões
8	1. "Lembre-se também de que, ao falar do corpo humano, não estamos nos referindo apenas à anatomia, pois o corpo é formado pela história pessoal, cultura, genética, etc". (p. 48)	Sociocultural e psicológica
9	2. "Professor, destine uma aula para proporcionar aos alunos um momento de reflexão sobre o que é adolecer tendo você como mediador e facilitador da discussão, pretende-se explorar a diversidade de sensações, sentimentos e experiências que fazem parte dessa época da vida." (p. 54)	Psicológica
9	3. "Converse a respeito dos preconceitos sobre a adolescência em geral, mas também sobre os estereótipos de garotas adolescentes (frágeis, dóceis, românticas, dependentes, sensíveis, preocupadas com a aparência etc.) e garotos adolescentes (fortes, práticos, insensíveis, independentes, preocupados com o desempenho etc.)." (p. 55)	Sociocultural
10	4. "O que se pode e o que não se pode fazer durante a menstruação? [...] Como existem muitas concepções transmitidas pela tradição familiar, poderão surgir ideias divergentes no grupo." (p. 58)	Sociocultural
11	5. "Conhecer a importância do uso de preservativos não é suficiente para transformar os comportamentos. [...] esta Situação de Aprendizagem pretende, [...], propiciar momentos de reflexão e estimular os alunos a assumir a responsabilidade por sua saúde sexual." (p. 61)	Psicológica e sociocultural
11	6. "Por exemplo, se uma pessoa não souber que se tiver uma relação sexual sem camisinha pode contrair o vírus da aids, ela estará mais vulnerável a pegar essa doença do que uma outra que tem essa informação." (p. 64)	Sociocultural
11	7. "É muito complicado o uso do preservativo para um jovem que não tem experiência e tem medo de falhar, ou para uma menina que tem medo de perder o namorado ou o "ficante" porque exigiu seu uso." (p. 65)	Sociocultural e psicológica
11	8. "Existem muitos estereótipos em relação ao uso do preservativo; por exemplo, ideias como "só os portadores de doenças usam camisinha", "só usa camisinha quem tem muitos parceiros" e "usar camisinha é como chupar bala com papel" servem de justificativa para que alguns adolescentes não usem e não proponham a seus parceiros o uso do preservativo." (p. 66)	Sociocultural
11	9. "As meninas que carregam camisinha na bolsa sofrem comentários preconceituosos "Se tem camisinha é porque tá querendo rock'n roll (sexo)". Envergonhadas, muitas desistem de andar prevenidas." (p. 66)	Sociocultural
12	10. "A contracepção é uma responsabilidade que deve ser discutida e compartilhada entre os parceiros." (p. 71)	Sociocultural

Fonte: Autoria própria (2019).

Quadro 3- Trechos selecionados do Caderno do Aluno (SÃO PAULO, 2014b) que abordam as dimensões sociocultural e/ou psicológica da sexualidade.

SA	Trecho	Dimensões
9	1. "O objetivo desta etapa é proporcionar um momento de reflexão sobre o que é adolecer. Você e seus colegas vão participar de uma dinâmica que pretende explorar a diversidade de sensações, sentimentos e experiências que fazem parte dessa época da vida" (p. 79)	Psicológica
11	2. "É possível contrair AIDS em situações de convívio social cotidiano?" (p. 82)	Sociocultural
11	3. "Para você, quais são os fatores que aumentam as chances de garotos e garotas contraírem AIDS? Agrupe os fatores que você listou anteriormente nas seguintes categorias: relacionamento afetivo, convívio familiar, educação/informação, comportamento individual e saúde." (p. 84)	Sociocultural e psicológica
11	4. "Quais motivos levam um adolescente, mesmo sabendo da necessidade de usar o preservativo, a não usá-lo na hora H?" (p. 85)	Sociocultural e psicológica
11	5. "Como é para um garoto falar para uma garota ou outro garoto que vai usar camisinha? Isso muda quando o namoro é estável?" (p. 85)	Sociocultural e psicológica
11	6. "Como é para uma garota pedir a um garoto ou outra garota que ele(a) use camisinha? Isso muda quando o namoro é estável?" (p. 86)	Sociocultural e psicológica
11	7. "Se na hora da relação sexual o garoto diz que não vai usar o preservativo porque não tem, e a garota diz que tem, o que passa pela cabeça dos dois?" (p. 86)	Sociocultural
12	8. "A decisão sobre a adoção de um método contraceptivo é da garota? Do garoto? Ou de ambos? Por quê?" (p. 90)	Sociocultural

Fonte: Autoria própria (2019).

### Análise da Situação de Aprendizagem 7: Tipos de Reprodução e de Desenvolvimento dos Seres Vivos

Segundo as observações propostas na versão para as/os docentes apresentadas no Quadro 1, os temas tratados nessa situação de aprendizagem são: reprodução sexuada e assexuada e o desenvolvimento dos seres vivos (SÃO PAULO, 2014).

Ainda segundo o que consta no Caderno do Professor, esta situação de aprendizagem "[...] pretende desenvolver os conceitos de reprodução e de desenvolvimento dos seres vivos." (SÃO PAULO, 2014a, p. 40). Para isso, a primeira etapa proposta baseia-se em leitura e interpretação de texto, tanto daqueles propostos no Caderno do Aluno quanto em textos obtidos nas pesquisas requisitadas, incluindo o dicionário. A última atividade dessa situação propõe a elaboração de um texto para divulgação dos dados encontrados nas pesquisas anteriores.

Esse trecho do material nos Cadernos do Aluno e do Professor trata única e exclusivamente de aspectos gerais da reprodução de seres vivos, em especial, de

animais. A reprodução humana ainda é pouco abordada, e o enfoque é estritamente biológico. Porém, a compreensão de termos como “acasalamento”, “fertilização interna”, “fertilização externa”, “seres ovíparos”, “vivíparos”, “ovovivíparos”, “reprodução assexuada” e “reprodução sexuada” permite uma visão mais ampla da relação entre o ser humano e as demais espécies.

Tal abordagem é uma importante introdução ao tema, além de familiarizar os estudantes com termos que serão trabalhados mais à frente e que estão presentes em outras dimensões, como “sexuado”, “fertilização”, entre outros.

### **Análise da Situação de Aprendizagem 8: Reprodução Humana – Corpo e Órgãos**

Segundo o Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014a), o tópico Corpo e Órgãos tem como objetivo propor um trabalho de reconhecimento do corpo humano e da diferença entre meninos e meninas no aspecto anatômico. Seus principais temas são: anatomia interna e externa dos sistemas genitais masculino e feminino (Quadro 1).

Para essa abordagem, o Caderno propõe atividades em que os alunos têm liberdade para mostrar quais são suas impressões sobre o tema, desenhando corpos humanos e seus órgãos. Após essa atividade, fica a cargo do/a professor/a detalhar e corrigir a anatomia descrita pelos alunos. A situação de aprendizagem termina com um questionário sobre o nome e funcionamento dos órgãos genitais.

A proposta de desenhar o corpo de um homem ou de uma mulher e identificar em ilustrações o nome dos órgãos sexuais femininos e masculinos é claramente relacionada à dimensão biológica (GREENBERG; BRUESS; OSWALT, 2013). Entretanto, estimula professoras e professores a estabelecerem um clima de abertura para que as/os alunas/os tirem dúvidas sobre o próprio corpo, podendo culminar em temas considerados mais sensíveis (como a masturbação) e a reforçarem que o corpo não é apenas anatomia, mas também “história pessoal, cultura, genética, etc” (Trecho 1, Quadro 2) (SÃO PAULO, 2014a, p. 48). As últimas atividades do capítulo são um grande resumo dos aspectos biológicos apresentados anteriormente.

Apesar de o Caderno oferecer oportunidades para a abordagem das diversas dimensões da sexualidade nesta Situação de Aprendizagem, o material entregue ao aluno (SÃO PAULO, 2014b) é restrito à dimensão biológica, deixando as demais a critério da necessidade detectada pelo/a professor/a a partir de alguns comentários presentes em seu Caderno (SÃO PAULO, 2014a). Este fato pode ser prejudicial tanto para o/a educador/a que não tem suporte para tratar dos temas, uma vez que o material do aluno é mais conciso, quanto para os alunos que podem não ter acesso a uma visão mais complexa da sexualidade na escola.

O planejamento proposto não faz menção a pessoas intersexo, corroborando o encontrado por Ribeiro et al. (2016), ao analisarem livros didáticos brasileiros e portugueses. As autoras observaram que os materiais estudados apresentam os corpos em uma lógica da “normalidade”, ignorando a “ambiguidade genital, ou seja, corpos ou sistemas urogenitais que rompem com o modelo da divisão sexual.” (p. 80).

## Análise da Situação de Aprendizagem 9: Puberdade e Adolescência

Como detalhado no Quadro 1, essa situação de aprendizagem visa abordar as mudanças físicas e hormonais vindas da puberdade. Seus temas principais são "mudanças físicas, emocionais e hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual dos seres humanos" (SÃO PAULO, 2014a, p. 50).

O capítulo começa propondo uma medição entre as(os) alunas(os) da classe para observar a diferença de altura entre cada indivíduo e entre homens e mulheres no geral, trazendo questões objetivas sobre os dados coletados e propondo uma discussão sobre padrões de crescimento entre meninos e meninas. Em uma segunda etapa, propõe uma reflexão sobre a adolescência, diferenças, gostos, expectativas da sociedade, necessidades e obrigações.

No Caderno do Professor (2014a), há uma sugestão de atividade que não aparece no Caderno do Aluno (2014b), logo sua realização fica a cargo do/a professor/a. Essa atividade propõe que os alunos escrevam palavras relacionadas à adolescência e estimula a discussão sobre estereótipos de gênero sob a mediação do/a docente. Trata-se de uma introdução para o tema das mudanças hormonais oriundas da puberdade. Mais uma vez, pode trazer à tona discussões sobre a individualidade do desenvolvimento nesta fase, contribuindo para o alívio em relação às expectativas sobre o crescimento ou desenvolvimento das características sexuais secundárias (seios, barba, mudança da voz, entre outros).

Ao longo do capítulo no Caderno do Aluno, nos trechos 2 e 3 do Quadro 2 e trecho 1 do Quadro 3, há um estímulo à discussão de aspectos das outras dimensões da sexualidade além da biológica, ao propor, por exemplo: "[...] um momento de reflexão sobre o que é adolescer [...]" (SÃO PAULO, 2014a, p. 54) ou uma conversa "[...] a respeito dos preconceitos sobre a adolescência em geral, mas também sobre os estereótipos de garotas adolescentes [...] e garotos adolescentes [...]" (p. 55).

Em uma lição de casa, importantes questões inseridas nas dimensões psicológica e sociocultural são levantadas (SÃO PAULO, 2014b, p. 74), como:

"Todos os adolescentes são iguais?";

"Quais são as diferenças entre meninos e meninas adolescentes?";

"O que meninos e meninas adolescentes gostam de fazer?";

"O que a sociedade espera que os adolescentes façam?".

Essas questões são essenciais para o início da discussão da sexualidade, pois vão além do sexo e da reprodução. Elas abordam inclusive as pressões sociais vividas nesse período, são introdutórias ao tema pelo capítulo em que estão inseridas e podem ser aprofundadas pelo/a professor/a.

No final da situação de aprendizagem, nos dois Cadernos, do Aluno (SÃO PAULO, 2014b) e do Professor (SÃO PAULO, 2014a), mais uma vez, são abordadas as mudanças biológicas características da puberdade. Vale atentar que, como já relatado na pesquisa de Ribeiro et al. (2016), o ensino das alterações da puberdade é pautado pelas diferenças entre o masculino e o feminino, reforçando uma visão binária da sexualidade.

### Análise da Situação de Aprendizagem 10: Ciclo Menstrual

O principal objetivo desse capítulo é tratar dos hormônios sexuais e do ciclo menstrual (Quadro 1). Seus principais temas são: "mudanças físicas, emocionais e hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual dos seres humanos; ciclo menstrual." (SÃO PAULO, 2014, p. 57)

No Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014a), a apresentação do ciclo menstrual nas escolas deve começar com um questionário de levantamento de concepções prévias dos/as alunos/as sobre a menstruação. Este é o único momento da Situação de Aprendizagem que prevê uma abordagem do ciclo menstrual para além da dimensão biológica. Em especial, o trecho "O que se pode e o que não se pode fazer durante a menstruação?" (trecho 4, Quadro 2) (SÃO PAULO, 2014a, p. 57) parece ter sido proposto com a intenção de propiciar uma discussão sobre "tradições familiares" (SÃO PAULO, 2014a, p. 58). Neste ponto, a orientação para o/a professor/a é de não desconsiderar nenhuma resposta, apenas ter ciência do que a turma pensa a respeito.

No restante do capítulo são propostos questionários, sempre visando a compreensão do funcionamento do ciclo menstrual, em uma abordagem puramente biológica. Esse tema tem potencial para trazer diversos questionamentos, especialmente sobre os papéis de gênero, levantando questões como: a importância dada à primeira menstruação dentro da sociedade, sendo muitas vezes comemorada; as comuns expressões como "virou mocinha" que tratam a menstruação como uma afirmação do sexo feminino e de uma evolução para a vida adulta; os tabus e crenças sobre menstruação, como o pensamento de que é "um sangue sujo", ou a impossibilidade de ter relações sexuais durante o período; a associação entre menstruação e sujeira e a frequente utilização da tensão pré-menstrual para desmerecer o sexo feminino.

### Análise da Situação de Aprendizagem 11: AIDS e o Uso de Preservativos – Sexo Seguro

Essa situação de aprendizagem visa trazer à tona a necessidade de responsabilidade na vida sexual (Quadro 1). Seus principais temas são: "identificar e explicar métodos contraceptivos e de proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (DST's)." (SÃO PAULO, 2014, p. 61).

Para essa abordagem, são usadas, além de exposições dialogadas, leitura e interpretação de artigos sobre o tema e a demonstração do uso correto de contraceptivos. Esse tema é muito importante e possui forte presença nos PCN (BRASIL, 1998). A situação de aprendizagem 11 é a que mais aborda as dimensões psicológica e sociocultural dentre todas as analisadas (trechos 5 a 9 do Quadro 2 e trechos 2 a 7 do Quadro 3), ao enfatizar momentos de reflexão sobre mitos, tabus e receios muito comuns entre adolescentes e jovens, em especial, sobre o uso da camisinha. Conforme apresentado no excerto a seguir:

Conhecer a importância do uso de preservativos não é suficiente para transformar os comportamentos. [...] esta Situação de Aprendizagem pretende, [...], propiciar momentos de reflexão e estimular os alunos a assumir a responsabilidade por sua saúde sexual. (SÃO PAULO, 2014a, p. 61)

Existem muitos estereótipos em relação ao uso do preservativo; por exemplo, ideias como “só os portadores de doenças usam camisinha”, “só usa camisinha quem tem muitos parceiros” e “usar camisinha é como chupar bala com papel” servem de justificativa para que alguns adolescentes não usem e não proponham a seus parceiros o uso do preservativo. (SÃO PAULO, 2014a, p. 66)

A proposta começa com a abordagem biológica sobre a transmissão do vírus e a diferença entre HIV e AIDS. Na etapa 2, as formas de transmissão da doença são abordadas não apenas pelo aspecto biológico, mas também por questões sociais que influenciam na escolha de usar ou não o preservativo. Essa abordagem é muito importante para a criação da noção de que a sexualidade não se resume ao ato sexual e de que as atitudes individuais são influenciadas pelo contexto social, família, informação, entre outros, tratando-se então da dimensão sociocultural do tema.

Neste ponto, os materiais introduzem o conceito de vulnerabilidade, como o “conjunto de fatores que pode aumentar o risco a que estamos expostos em todas as situações de nossa vida.” (SÃO PAULO, 2014a, p. 64). No entanto, segundo Meyer et al. (2006, p. 1339-1340), a vulnerabilidade é um conceito que abrange três componentes: individual (informações e comportamentos), social (acesso a serviços e instituições de saúde, por exemplo) e institucional (ações programáticas). Sendo que apenas o primeiro é apresentado aos professores neste material, como podemos ver no seguinte fragmento “Por exemplo, se uma pessoa não souber que se tiver uma relação sexual sem camisinha pode contrair o vírus da aids, ela estará mais vulnerável a pegar essa doença do que uma outra que tem essa informação.” (SÃO PAULO, 2014a, p. 64). Acreditamos que, no material disponibilizado ao professor, poderia haver alguma discussão que ampliasse a concepção de vulnerabilidade, contextualizando a questão para além da relação risco – informação – comportamento.

Nesse capítulo, é possível identificar alguns momentos pontuais de abordagem sobre gênero. Nos trechos de 5 a 7 por exemplo, presentes no quadro 3, são perceptíveis questões que tratam da diferença de reações ao fato de meninas carregarem ou quererem usar camisinhas quando comparadas com as reações às mesmas atitudes por parte de meninos. É necessário um tratamento direto do tema, mas essas questões podem servir de conteúdo introdutório.

O Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014a) traz importantes reflexões que podem ser feitas com a turma. Essa abordagem de gênero, apesar de pontual, pode ser muito importante para a quebra de estereótipos de gênero, a depender da forma como o/a professor/a vai conduzir a atividade. Enquanto em uma sociedade, é cobrado do homem que este se afaste da homossexualidade se relacionando com muitas mulheres, delas é cobrado o contrário: quanto menor o número de parceiros, maior é o seu valor. Esse tipo de cobrança cria o estereótipo do jovem “macho” e da jovem “difícil” (SALES; PARAISO, 2013). Esses estereótipos precisam ser quebrados para permitir a vivência plena da sexualidade sem o peso de cobranças que a regulam e que silenciam as dúvidas e inseguranças.

O capítulo termina falando sobre as formas de transmissão do vírus HIV, desmistificando-as, mostrando que a contaminação não pode ocorrer por contatos simples como a convivência social ou espirros. Apesar de o material não

trabalhar com os preconceitos sofridos pelos portadores do vírus, o esclarecimento dos meios de transmissão é uma forma indireta de amenizá-los.

### Análise da Situação de Aprendizagem 12: Gravidez na adolescência e métodos contraceptivos

Esse capítulo tem como objetivo, conforme exposto no Quadro 1, "informar a respeito dos diferentes métodos contraceptivos existentes e esclarecer as vantagens e desvantagens de cada um, considerando o conceito de sexo seguro" (SÃO PAULO, 2014, p. 68), focando seu tema nos métodos contraceptivos. Para isso, ele traz diversas opções, inclusive aquelas que não envolvem hormônios, explicando aos jovens como cada uma delas funciona através de pesquisas.

Entretanto, para um capítulo que propõe no título a discussão da gravidez na adolescência, é insuficiente. Apenas traz métodos contraceptivos, sem questionar os aspectos socioeconômicos e psicológicos que podem levar a uma gravidez não planejada e apresentar os riscos à saúde de uma gestação na adolescência. Mais uma vez, gênero poderia ser bastante abordado, mas aparece apenas ao discutir sobre a quem cabe a responsabilidade de adotar um método contraceptivo: à garota ou ao garoto, como exemplificado no trecho 10 do Quadro 2 "A contracepção é uma responsabilidade que deve ser discutida e compartilhada entre os parceiros." (SÃO PAULO, 2014a, p. 71); assim como no excerto 8 do Quadro 3 "A decisão sobre a adoção de um método contraceptivo é da garota? Do garoto? Ou de ambos? Por quê?" (SÃO PAULO, 2014b, p. 90).

Este ponto é importante, porém, a gravidez na adolescência, geralmente não vem apenas do descuido: há falta de informação e pressões sociais envolvidas, podendo significar uma melhoria de vida (SILVA et al., 2009) e um status social mais elevado, além de todos os aspectos culturais que tendem a exaltar o papel de mãe na sociedade, muito mais do que o papel de pai. Porém, nenhum desses aspectos é abordado neste momento.

### A abordagem de gênero

Como foi apresentado nos Quadros 2 e 3, existem alguns excertos onde dimensões da sexualidade, além da biológica, podem ser trabalhadas pelo/a professor/a que se basear no material do Currículo de SP, mesmo que essa abordagem não seja explícita na lista de conteúdos. O mesmo ocorre em relação à discussão de gênero.

Questões de gênero aparecem principalmente nas reflexões sobre o uso de preservativos, como os estereótipos criados a partir do fato de uma menina carregar consigo uma camisinha, como citado no trecho 7 do quadro 3: "Se na hora da relação sexual o garoto diz que não vai usar o preservativo porque não tem, e a garota diz que tem, o que passa pela cabeça dos dois?"; e como isso não afeta tanto os meninos ou a dificuldade das adolescentes em dizer aos(as) parceiros(as) que querem usar o método contraceptivo, questão aludida no trecho 5 do quadro 3: "Como é para uma garota pedir a um garoto ou outra garota que ele(a) use camisinha? Isso muda quando o namoro é estável?" (SÃO

PAULO, 2014b, p. 86); e como isso é diferente entre homens e mulheres (trechos 9 do quadro 2 e 8 do quadro 3).

Além disso, no trecho 3 do Quadro 2, extraído do caderno destinado ao/a professor/a, há estímulo para a discussão e quebra de estereótipos, como de meninas frágeis e meninos fortes. Até mesmo a inclusão da possibilidade de relações entre pessoas do mesmo sexo nas questões sobre o uso da camisinha, são passos importantes para uma abordagem da sexualidade de forma mais ampla e diversa.

Ainda que haja trechos onde a diversidade e os estereótipos possam ser explorados, falta uma abordagem mais objetiva dos temas. Os dois materiais utilizados como objetos de estudo nesse trabalho (Cadernos do Aluno e do Professor do Currículo de SP) deixam o estudo de gênero nas mãos do/a professor/a, tornando necessário que o/a mesmo/a saiba identificar o momento e a forma adequada de lidar com o tema, assim como com a sexualidade de modo geral.

O principal problema disso vem da falta de preparo dos egressos das licenciaturas para o trabalho com temas de sexualidade e com a Educação em Sexualidade. Como apontado por Figueiró (2006b, p. 2), ao dizer que: “[...] todo o processo formativo dos professores, tanto no magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade na escola [...]”.

Outra barreira enorme que impede o avanço da discussão de gênero na sala de aula vem da atual situação política brasileira, uma grande polarização onde determinados temas são pautados em ações que buscam criar um pânico moral, tais como o sintagma “ideologia de gênero”, considerado por Junqueira (2017, p. 28) como um dos:

[...] dispositivos retóricos reacionários que se prestam eficazmente a promover polêmicas, ridicularizações, intimidações e ameaças contra atores e instituições inclinados a implementar legislações, políticas sociais ou pedagógicas que pareçam contrariar os interesses de grupos e instituições que se colocam como arautos da família e dos valores morais e religiosos tradicionais.

Entretanto, a discussão de gênero na escola se faz a cada dia mais necessária, tendo em vista os dados alarmantes sobre violência contra a mulher, feminicídios, violência homofóbica e transfóbica (WASELFISZ, 2015; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2019). Além disso, a gravidez não planejada, que poderia ser evitada através da maior disseminação de informação tanto sobre métodos contraceptivos quanto sobre questões culturais relacionadas, ainda é um fator que afasta mulheres dos estudos, por necessidade de trabalhar, cuidar dos filhos ou para evitar preconceitos dentro do ambiente escolar.

Vale destacar também que, na escola, os estereótipos de gênero podem causar diversos prejuízos, como uma perda muito grande de oportunidades de experimentações nas aulas de Educação Física, conforme observado por Altmann e Uchoga (2016) e o desinteresse pelas áreas de ciências exatas e naturais. Para este último caso, Queiroz et al. (2014, p. 3849) concluem que “Quando mulheres e homens aprendem a dicotomizar suas qualidades e habilidades, as

desigualdades de gênero tendem a se reproduzir, inclusive, nas preferências disciplinares e cursos superiores.”

Neste sentido, os estereótipos de gênero reforçam os papéis e os locais que devem ser ocupados por mulheres, entre eles o papel de cientista. Da mesma forma, esses estereótipos implicam na forma com o cientista é visto, conforme apresentado em pesquisa de Cavalli e Meglhoratti (2018, p. 93) baseada no teste DAST (Draw a Scientist Test):

Este número reduzido de desenhos de cientistas mulheres pode ocorrer devido à associação das mulheres apenas às áreas de humanas, [...]. Assim, como a ciência em geral é pensada vinculada às áreas de exatas como Química e Física, ocorre a prevalência de desenhos com representação de cientistas homens.

A discussão ampla e diversa de gênero, a desconstrução dos estereótipos que levam aos preconceitos relacionados ao que deve ser feito por homens ou mulheres e a valorização da diversidade são necessárias para a diminuição desses índices.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos Cadernos do Aluno e do Professor evidenciou o predomínio da dimensão biológica nas situações de aprendizagem selecionadas, o que está de acordo com o esperado para um currículo de Ciências do 8º ano. No entanto, muitas vezes, em todo o Ensino Fundamental, este é o único momento curricular previsto para uma prática de Educação em Sexualidade intencional. Neste sentido, é importante a presença, nos diversos trechos do Currículo de SP encontrados nesta pesquisa, de orientações para o/a professor/a e atividades que podem levar a uma reflexão sobre aspectos socioculturais e psicológicos da sexualidade.

Entre as seis situações de aprendizagem analisadas nos dois materiais, a Situação de aprendizagem número 11, “Aids e o uso de preservativos – sexo seguro”, foi a que apresentou a maior quantidade de trechos que abordam aspectos socioculturais e psicológicos. Os trechos procuram evidenciar componentes individuais da vulnerabilidade ao tomar a decisão de não utilizar preservativos em uma relação sexual, enfatizando o risco. Outros excertos propõem discussões sobre estereótipos, sendo alguns vinculados a questões de gênero. Percebemos, também, uma abordagem de corpo humano pautada pelo binarismo e pelas diferenças entre meninos e meninas, desconsiderando a intersexualidade. Por fim, ressaltamos que a situação de aprendizagem 12, ao tratar de gravidez na adolescência, privilegia o aspecto informativo, deixando de lado os fatores psicológicos e socioculturais fundamentais para o fomento à reflexão sobre a maternidade e a paternidade nesta etapa da vida.

Quanto ao que está proposto em cada material analisado, observamos que, com frequência, a abordagem mais ampla de sexualidade está prevista nas orientações aos/as professores/as (SÃO PAULO, 2014a) em relação ao Caderno do Aluno (SÃO PAULO, 2014b), o que reforça a importância de uma formação docente inicial e continuada que o/a capacite e sensibilize para esta tarefa. Caso contrário, por receio, por exemplo, de uma reação negativa por parte dos

familiares responsáveis pelos estudantes, há um grande risco de apenas o previsto no material do aluno ser desenvolvido em sala de aula.

Para autores como Pereira (2010) e Furlanetto et al. (2018), a Educação em Sexualidade em uma abordagem emancipatória requer que todos/as os/as participantes tenham, além do acesso à informação cientificamente válida, a oportunidade de fala, de escuta dos pares e de reflexão nas aulas. Neste sentido, é importante que a prática docente fomente a criação destes momentos, visando questionar certezas e acolher a diversidade, além de dar ferramentas para a tomada de decisões.

Mesmo com as limitações dos materiais estudados é possível a prática desta abordagem de Educação em Sexualidade nas escolas públicas da rede estadual de São Paulo e de todos os outros estados com base em seus referenciais curriculares, pois, como já discutido por Louro (2014, p. 140), os “[...] recursos de ensino não são os únicos integrantes das práticas discursivas numa sala de aula [...]”, alunas/os e professoras/es também têm um papel fundamental. Para esta autora, as/os estudantes vão ressignificar o que é trabalhado em aula e tudo o que acontece na escola, com base em suas trajetórias pessoais e vivências.

Os materiais aqui analisados propõem algumas estratégias e temas para debate contemplando gênero e as dimensões psicológica e sociocultural da sexualidade. No entanto, muitas vezes, estes aspectos são apresentados para o/a aluno/a na forma de questionários, cabendo, assim, ao/à docente abrir o espaço para o debate e a reflexão coletiva, caso contrário, a atividade se resumirá a uma resposta individual. Um caminho promissor para despertar e sensibilizar docentes para a importância de um trabalho pautado na participação dos/as estudantes são os cursos de formação continuada e a inserção de disciplinas obrigatórias sobre o tema no currículo das licenciaturas. Com isso, espera-se que os/as professores/as tenham maior discernimento sobre seu papel de mediação na prática de Educação em Sexualidade na escola, utilizando os recursos didáticos disponíveis em um processo que articule informação, diálogo e reflexão.

---

## The approach of sexuality and gender in the discipline sciences in the curriculum of São Paulo: analysis of teacher's and student's notebook

### ABSTRACT

This study aimed to identify the conceptions of sexuality and sexuality education presented in the material of São Paulo Curriculum for Science Education, of the 8th grade, from the analysis of the orientations to the teachers and the suggested strategies and contents. This is a documentary research whose object of analysis was volume 1 of Teacher's and Student's Science Notebook of 7th grade / 8th grade of middle school. For such, we used as analysis referential the dimensions of sexuality; we identified if and how the material under study addresses gender issues and we discussed limits and possibilities of the proposal, within an emancipatory perspective of Sexuality Education. The analysis evidenced the predominance of the biological dimension in the selected learning situations, which is in line with the expectations for a science curriculum. However, in several passages, there are guidelines for teachers and activities that address sociocultural and/or psychological aspects of sexuality. The learning situation about safe sex presented the largest amount of excerpts that address sociocultural and psychological aspects, highlighting individual components of vulnerability. On the other hand, the learning situation that deals with teenage pregnancy privileges the informative aspect, leaving aside the fundamental psychological and sociocultural factors to bring about reflection. We also observed that the approach to sexuality is broader in orienting teachers than in student material. Even with the limitations of the materials studied, it is possible to practice an emancipatory sexuality education, which brings about the creation of spaces for speech, listening and reflection in class, overcoming the information aspect that has long been criticized. To do so, initial and continuing training needs to sensitize teachers to the complexity of the topic and prepare them for the task.

**KEYWORDS:** Sexuality Education. Gender. Sciences. Curriculum. São Paulo.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H.; UCHOGA, L. A. R. Educação Física Escolar e Relações de Gênero: Diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 163-170, jun. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal, Ed. 70, 223p., 1977.
- BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, Mar. 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 436p.
- BRUESS. C.; SCHROEDER, E. **Sexuality Education Theory and Practice**. Burlington: Jones & Bartlett Learning, 2014, 312p.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.
- CAVALLI, M.; MEGLHIORATTI, F. A participação da mulher na ciência: um estudo da visão de estudantes por meio do teste DAST. **ACTIO**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 86-2, set./dez. 2018.
- COSTA, A. P.; A. SCALIA, A. C. M.; BEDIN, R. C.; SANTOS, S. R. dos. Sexualidade, gênero e educação: Novos Olhares. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 65-75, Maio 2010.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006a, 328p.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 7, n.1, p. 1-21, 2006b.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010. 260p.
- FONSECA, V. A. da; LIMA, P. G. Sobre a política curricular do Estado de São Paulo (2007-2009): Algumas reflexões e encaminhamentos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.3, p. 544-565, jul./set. 2018.
- FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C. B. da; MARIN, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 550-571, jun. 2018.
- GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio**. São Paulo: Cortez, 1988. 117p.

GREENBERG, J.S.; BRUESS, C.E.; OSWALT, S.B. **Exploring the Dimensions of Human Sexuality**. Burlington, MA: Jones & Barlett Learning, 2013. 793p.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Violência contra as mulheres em dados**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/postagens/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

JUNQUEIRA, R. D. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação Online**, PUC-Rio, n. 10, p. 64-83, 2012.

JUNQUEIRA, R. D. "Ideologia de gênero": a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma "ameaça à família natural"? In: Ribeiro, P. P. C.; Magalhães, J. C. M. (orgs.) **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LOURO, G. L. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19. n. 2. p. 17-23. Mai/ago 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014. 184p.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 254p.

MEYER, D. E. E.; MELLO, D. F. de; VALADAO, M. M.; AYRES, J. R. de C. M. "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1335-1342, 2006.

MIRANDA, M. A. G. de C. A abordagem da sexualidade no Currículo de São Paulo, **Atas do VIII Enpec**, Campinas, São Paulo, p. 1-12. 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1001-2.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

OPS; UNFPA; UNICEF. **Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe**. Informe de consulta técnica. 29-30 agosto 2016, Washington, D.C., EE. UU. 2018.

PEREIRA, G. R. Decursos educativos e conhecimentos para uma educação sexual emancipatória intencional. **Revista Linhas**, v. 11, n. 01, p. 53-67. 2010.

QUEIROZ, C. T. A. P. de; CARVALHO, M. E. P. de; MOREIRA, J. A. Gênero e Inclusão De Jovens Mulheres nas Ciências Exatas, nas Engenharias e na Computação, **Anais do 18º Redor**, Recife, UFRP, p. 3483-3500. 2014.

RIBEIRO, P.R.C., MAGALHÃES, J.C., SILVA, E.P.Q., & VILAÇA, T. O ensino de Biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. **BioGrafia-Escritos Sobre la Biología y su Enseñanza**, v. 9, n. 16, p. 77-86. 2016.

SALES, S. R.; PARAISO, M. A. O jovem macho e a jovem difícil: governo da sexualidade no currículo. **Educ. Real. [online]**, v. 38, n. 2, p. 603-625. Junho 2013.

SÃO PAULO. **Caderno do professor: Ciências, ensino fundamental – 7ª série, 2º bimestre.** Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2008a. 59p.

SÃO PAULO. **Caderno do professor: Biologia, ensino médio – 1ª série, 4º bimestre.** Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2008b. 51p.

SÃO PAULO. **Caderno do professor: Biologia, ensino médio – 3ª série, 2º bimestre.** Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2008c. 48p.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias.** Secretaria da Educação, São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas Tecnologias.** 1.ed.atual, São Paulo: Secretaria de Educação, 2012. 153p.

SÃO PAULO. **Caderno do Professor.** (Ciências). São Paulo: IMESP, 2014a.

SÃO PAULO. **Caderno do Aluno.** (Ciências). São Paulo: IMESP, 2014b.

SILVA, I. de O.; SIQUEIRA, V. H. F. de; ROCHA, G. W. de F. Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n.1, p. 216-231, 2009.

SODRÉ, M. **Por um Conceito de Minoria.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.

TORTORA, G. J.; DERRICKSON, B. **Corpo humano: fundamentos de anatomia e fisiologia.** Porto Alegre: Artmed, 2016. 704p.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015: o homicídio de mulheres no Brasil.** 1. Ed. Brasília: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2015. 83 p.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. (org.). **O corpo educado.** Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

**Recebido:** 02 out. 2019

**Aprovado:** 07 jan. 2020

**DOI:** 10.3895/actio.v5n2.10920

**Como citar:**

PAULA, G. N.; MIRANDA, M. A. G. C. A abordagem de sexualidade e gênero na disciplina de ciências no currículo de São Paulo: análise dos cadernos do professor e aluno. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-22, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: XXX

**Correspondência:**

Gabrielly Nunes de Paula

Rua Ponte do Piques, 120, Jardim Vera Cruz. São Paulo, SP, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

